

Recursos de acessibilidade em design de exposição para pessoas com deficiência

Accessibility resources in the exhibit design for people with disabilities

Tânia Luísa Koltermann da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Tania.kolterman@ufrgs.br

Eduardo Cardoso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

eduardo.cardoso@ufrgs.br

Ricardo de Menezes Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

ricardocostad@gmail.com

Abstract: As exigências em ambientes culturais obrigam os mesmos a constantes atualizações. A diversidade do público desafia estas Instituições e seus profissionais a corresponder às expectativas de seus usuários e, antes de tudo, às suas necessidades. Assim, atendendo à pretensão de ser um ambiente acessível, aberto a todos os cidadãos, será indispensável a pesquisa e emprego de recursos para acessibilidade em design de exposição. O presente artigo apresenta a pesquisa desenvolvida até o momento sobre tais recursos e ilustra com o estudo de caso da Pinacoteca de São Paulo.

Palabras clave: Acessibilidade; design; exposição; pessoa com deficiência.

Introdução

Pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela sensorial, cognitiva, físico-motora ou múltipla, enfrentam diariamente dificuldades para obter informações, deslocar-se, comunicar-se e utilizar equipamentos públicos, ainda que tenham o direito à igualdade, sem nenhuma forma de discriminação, garantido pela legislação vigente. (BINS ELY e OLIVEIRA, 2005)

Segundo Viebe (2008), de acordo com estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 10% da população de qualquer país tem algum tipo de deficiência física, mental ou sensorial. No Brasil, existem aproximadamente 16 milhões de pessoas com deficiência, divididos entre: 50% mentais, 20% físicos, 15% auditivos, 10% de pessoas com deficiências múltiplas e 5% visuais. As pessoas com deficiências físicas e mentais totalizam cerca de 500 mil pessoas no Brasil. Essas pessoas têm necessidades especiais e precisam de mais oportunidades para exercer os seus direitos de cidadãos na sociedade.

Atualmente, existem muitas estratégias de comunicação que podem ser exploradas para adaptação e criação de conteúdo para aplicação em ambientes culturais. Tais estratégias podem incluir a investigação de sistemas de comunicação e ambientação completos, incluindo centrais de informação e atendimento e demais recursos, conforme a Figura 01.



Fig. 1. Recursos de Acessibilidade em Ambientes Culturais

Um sistema expositivo completo ainda deve contemplar entre seus elementos, formas para atender e/ou beneficiar não apenas os usuários sem deficiência, com deficiência visual, motora e/ou auditiva, mas também as pessoas com deficiência mental, lesões cerebrais traumáticas, doença de Alzheimer, déficit de aprendizagem entre outros. Além das potenciais aplicações apresentadas acima se destacam os diferentes tipos de recursos disponíveis e indicados pela legislação, como a NBR 9050:2004 e a NBR 15599:2008.

Assim, a combinação de diferentes meios de comunicação, em função dos diferentes tipos de usuários, considerando, simultaneamente, recursos táteis, sonoros e visuais, é um dos princípios do desenho universal, possibilitando o uso com autonomia por pessoas com deficiência, seja ela visual, auditiva, cognitiva ou múltipla, em

seus diferentes graus. Desta forma, para emissão, recepção e troca de informação é fundamental pesquisar, compreender e especificar os recursos de comunicação adequados de forma a aplicar o princípio da redundância, assim não restringindo a emissão da mensagem a um único meio.

A presente pesquisa caracteriza-se por ser exploratória descritiva realizada através de procedimentos técnicos de pesquisa e revisão bibliográfica para fundamentação teórica e aprofundamento nos conhecimentos específicos pertinentes ao tema.

O presente artigo tem como objetivo apresentar os dados obtidos até o momento sobre os tipos de recursos de acessibilidade existentes, suas potencialidades e formas de aplicação em ambientes culturais. A seleção dos referidos recursos leva em consideração o foco no usuário, sua relação com o ambiente e a relação dos recursos empregados em função da construção de significado no contexto em que se inserem.

Museus e Acessibilidade

Para compreensão do campo de estudo em que se insere esta pesquisa serão expostos conceitos sobre museus, um dos ambientes culturais mais conhecidos e visitados.

Segundo o IBRAM (2010), os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e instituições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.

O ICOM (Comitê Internacional de Museus) apresenta uma definição elaborada em 1956, que diz que museu é um estabelecimento de caráter permanente, com a finalidade de conservar, estudar e valorizar os elementos de valor cultural, sejam eles objetos artísticos, históricos, científicos, técnicos ou biológicos. Em 6 de julho de 2001, na 20ª Assembléia Geral, realizada em Barcelona, Espanha esta definição foi atualizada e diz o seguinte: “Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.” (IBRAM, 2010).

Segundo Santos (2009), tal Instituição permite garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos, além de facultar o acesso regular ao público e fomentar a democratização

da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

Desta forma, a caracterização dos museus deste século, qualificam-no como um espaço cultural para um público cada vez mais heterogêneo e exigente. Não basta assim a acumulação de história e tempo, tem de ser ativo na busca e satisfação das necessidades de seus usuários, estas, igualmente atendidas para as pessoas com deficiência, seja ela qual for.

O estudo “Museus em Números” (IBRAM, 2011), revela que o Brasil, que iniciou o século XX com 12 museus, já conta, atualmente, com 3.025 instituições museais mapeadas. Destas, 1.500 responderam à pesquisa. Dos 5.564 municípios brasileiros, 1.172 possuem pelo menos um museu – uma taxa de 21,1%. A maior parte dos municípios deste universo (771) possui apenas um museu e as regiões Sudeste (1.151) e Sul (878) detêm a maior quantidade de instituições. Quanto à acessibilidade, tal estudo mostra que 50,70% dos museus são acessíveis, porém, conforme a Figura 02, pode-se ver os recursos e instalações que estes locais disponibilizam aos seus usuários e, assim, analisar o que tem-se hoje como recursos disponíveis e o quais deveriam ainda ser disponibilizados.

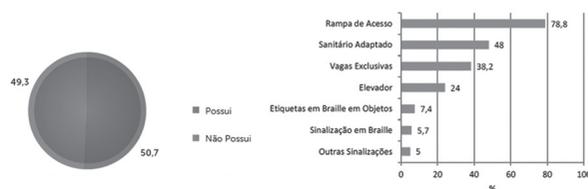


Fig.2. Estudo Museus em números. Fonte: IBRAM, 2011.

Recursos de Acessibilidade em Ambientes Culturais

Segundo Varine-Bohan (2000, apud Sarraf, 2006), cultura é “o conjunto de soluções encontradas por um homem e pelo grupo aos problemas que lhe são colocados por seu meio ambiente natural e social”. (1987, p. 30) Os museus, desta forma, precisam encontrar as soluções adequadas para desenvolver a cultura da inclusão como parte vital de sua missão, o que certamente irá garantir que a relação museal “homem e objeto em um cenário” respeite a diversidade e seja cada dia mais democrática.

Como consequência da legislação vigente, muitos passos foram dados em busca da defesa dos direitos das pessoas com deficiência, mesmo que ainda tenha-se muito a fazer. Muitos ambientes culturais encontram-se em edificações históricas com dificuldade de acesso, circulação

e até mesmo adaptação para o uso acessível. Tais Instituições e, conseqüentemente, as exposições nelas instaladas tornam-se impossíveis de ofertar uma experiência com igualdade de oportunidades para os mais diversos públicos. E, é esta a situação que os arquitetos, designers, museólogos e demais profissionais confrontam-se diariamente. E, deles, em conjunto com as Instituições e órgãos governamentais, é a responsabilidade de alterar este cenário, fazendo com que a acessibilidade seja contemplada desde o começo na concepção de seus projetos e não como um apêndice, algo a ser feito posteriormente, como uma adaptação.

O bom design de exposição deve promover a inclusão através da união de espaços, entorno e conteúdos acessíveis a todos os visitantes, independente de suas capacidades e sem separar as pessoas com algum tipo de deficiência das demais. Segundo Hughes (2010), muitos dos sistemas criados no passado foram bem intencionados em ajudar as pessoas com deficiência, mas que ao fazer isto comprometiam sua experiência como visitante, criando separações “artificiais” que causam constrangimento e até mesmo insatisfação com a experiência vivida. Assim, os projetistas não devem tender a criar exposições especiais - “deficientes” - e sim boas exposições a que a maioria do público possa ter acesso, explorando para tanto diferentes meios como o uso de áudio, recursos táteis, língua de sinais, boa organização do espaço e mobiliário adequado, por exemplo. Muitas das iniciativas motivadas por contemplar a acessibilidade beneficiam também ao resto do público, uma vez que os sentidos podem ser ampliados ao se proporcionar diferentes oportunidades sensoriais como o toque em maquetes, mesmo que o usuário não tenha deficiência visual.

Muitos já são os exemplos de Instituições, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, que desenvolvem práticas para tornar as exposições mais acessíveis. Um exemplo nacional é a Pinacoteca do Estado de São Paulo através de seu Programa de Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva em Museus. O PEPE – Programa Educativo Públicos Especiais é um trabalho voltado para grupos especiais compostos por pessoas com deficiências sensoriais, físicas e mentais e também por grupos com e sem tais deficiências. Viabilizado pela Visa do Brasil, tem como objetivo possibilitar a acessibilidade física e sensorial a espaços desse importante acervo artístico, oferecendo atendimento especializado de forma permanente. Visa assim, introduzir e ampliar o conhecimento e a percepção da arte e da produção artística brasileira do século XIX à atualidade, possibilitando e incentivando o

pleno acesso.

Destinado a pessoas com e sem deficiência, como também a profissionais e estudantes de diferentes áreas de conhecimento, o PEPE conta com:

- Atendimento especializado por meio da estimulação da compreensão e fruição das obras de maneira multi-sensorial, como pelo tato, olfato, som, entre outros: recursos de apoio como maquetes visuais e táteis do edifício da Pinacoteca e seus arredores, reproduções de obras bidimensionais e tridimensionais feitas em resina acrílica e borracha texturizada, extratos sonoros relativos às obras, além de objetos e jogos tridimensionais baseados nas obras originais selecionadas (Fig. 03).



Fig.3. Recursos táteis da Pinacoteca de SP. Fonte: Programa PEPE, 2010.

- Visitas orientadas: são realizadas visitas acompanhadas por educadores especializados com base na seleção de obras do acervo, incluindo esculturas, objetos e pinturas, acessíveis por meio de toque orientado ou recursos multi-sensoriais e lúdicos, estabelecendo-se percursos diferenciados para cada grupo.

- Galeria Tátil, com exposição concebida especialmente para visitação autônoma do público com deficiência visual contendo uma seleção de doze esculturas originais do acervo do Museu. O Espaço expositivo tem mobiliário adequado, piso podotátil, comunicação visual em dupla leitura e áudio guias (Fig. 04);



Fig.4. Galeria tátil e material em dupla leitura da Pinacoteca de SP. Fonte: PEPE, 2010.

- Cursos de capacitação

Para garantir a continuidade das atividades anteriores foi elaborado pelo PEPE um catálogo adaptado e impresso em tinta e Braille. Foram selecionadas imagens de pinturas do acervo para impressão simultânea em tinta com linhas de contorno em relevo, acompanhadas por textos redigidos em linguagem objetiva, contemplando a vida e a obra dos artistas, além da descrição das obras. Também foi elaborado um impresso para a divulgação do programa. E ainda, um Guia intérprete de Libras para visitação do público surdo.

Considerações Finais

A partir da revisão bibliográfica e das técnicas de pesquisa exploratória foi possível identificar os diferentes recursos de acessibilidade empregados em ambientes culturais, como os apresentados no estudo de caso da Pinacoteca de São Paulo.

Considerando que o indivíduo possa estar ativo e integrado ao convívio social, utilizando os ambientes que necessita e deseja de forma autônoma e com igualdade de oportunidades, os requisitos dos usuários devem ser atendidos por meio dos requisitos de projeto no desenvolvimento de sistemas, produtos e ambientes com fins culturais. Desta forma, o presente trabalho contribui para que estes requisitos sejam identificados, assim como os recursos multisensoriais que podem ser empregados. Conforme os exemplos vistos anteriormente, todas as medidas inclusivas devem ser muito bem planejadas, pois de não existe efeito no uso de etiquetas com informação em Braille se as escadas não possuírem corrimãos ou o ambiente não possuir sinalização tátil e vice versa.

Assim, a melhor maneira de compreender a situação das pessoas com deficiência é colocar-se no lugar do usuário, em uma experiência pessoal e única. Ou seja, pesquisar e projetar não apenas para as pessoas com deficiência, mas sim com as pessoas com deficiência.

Nas próximas etapas da pesquisa, pretende-se buscar informações complementares sobre a experiência dos usuários com diferentes tipos de deficiência, através de técnicas adequadas, como: levantamento de campo; registros fotográficos; acompanhamento do percurso de uso; e aplicação de questionário semi-estruturado. A abordagem qualitativa na pesquisa visa a apreensão dos diferentes significados e sentidos na vida dos sujeitos.

Referências

- Associação Brasileira De Normas Técnicas – ABNT (1994). NBR 9050; Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT.
- Associação Brasileira De Normas Técnicas – ABNT (2008). NBR 15599; Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços. Rio de Janeiro: ABNT.
- Bins Ely, V.H.M., Oliveira, A.S.D.A. Acessibilidade em edifício de uso público: contribuição de projeto de extensão na elaboração de dissertação. Santa Catarina. In: PROJETAR 2005 – II Seminário sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, 2005.
- Hughes, Phillips; Diseño de Exposiciones. Promopress, 2010.
- Ibram - Cadastro Nacional de Museus - Ibram / MinC. Museus em números. Disponível em http://www.museus.gov.br/IBRAM/doc/museus_numeros.pdf Acesso em 11 de fevereiro de 2011.
- Santos, Sônia Maria Almeida. Acessibilidade em Museus. Dissertação de Mestrado - Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Museologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.
- Sarraf, Viviane Panelli . A Inclusão Dos Deficientes Visuais Nos Museus. Musas -Iphan- Minc, 2 Ed., 2006.
- Pepe – Programa Educativo Públicos Especiais – Pinacoteca de São Paulo. Disponível em: < <http://www.arteinclusao.com.br/projetos/pinacoteca/recursos/recursos.htm>>. Acessado em 06 de junho de 2010.
- Viebie, F. Organização Mundial de Saúde (OMS) <http://portal.mj.gov.br/corde/normas_abnt.asp>. Acesso em 10 de março de 2010.
- Sarraf, Viviane Panelli . A inclusão dos deficientes visuais nos museus. MUSAS -IPHAN- MINC, 2 ed., 2006.